Introdução

Rui Manuel Loureiro *

A ascensão de ‘Abbas I ao poder, em 1587, marcou um momento de viragem na geopolítica safávida, já que o jovem xá revelou qualidades de liderança à altura da complexa situação que a Pérsia vivia. Não existia então um estado central sólido, uma vez que o poder do xá dependia da estreita colaboração militar que este conseguia obter junto das diferentes facções dos *qizilbas*. Estas aguerridas facções tribais de origem turcomana – que as fontes portuguesas da época designam como ‘gazeis-baixos’ ou ‘casselbaxos’ – tinham até então suportado o poder safávida. Mas os conflitos e as conspirações eram demasiado frequentes entre elas. Por outro lado, enquanto as províncias ocidentais persas estavam ocupadas pelos otomanos, grandes porções do Khorassan, a oeste, eram controladas pelos uzbeques.¹ Depois de subir ao trono, o xá ‘Abbas começou por estabelecer um exército próprio, independente dos *qizilbas*, conseguindo a pouco e pouco liquidar as oposições internas e hegemonizar as sucessivas províncias persas, ao mesmo tempo que reorganizava e centralizava a administração. Uma vez solidificada a sua posição política, o soberano persa, através de uma hábil conjugação de campanhas militares e de iniciativas diplomáticas, enfrentou os seus oponentes externos, infligindo sucessivas derrotas aos uzbeques e aos otomanos, e conseguindo consolidar e mesmo alargar as fronteiras do seu império.²

* Centro de História de Além-Mar, Lisboa.

¹ Sobre o reinado de ‘Abbas I, ver David Blow, *Shah Abbas: The Ruthless King Who Became an Iranian Legend* (Londres, 2009); sobre a organização militar safávida, ver Masashi Haneda, *Le Châh et les Qisilbâš – Le système militaire safavide* (Berlim, 1987).

² Os antigos cronistas portugueses do *Estado da Índia* referem-se amiúde ao xá ‘Abbas. António Bocarro, na sua *Década 13*, concluída em Goa por volta de 1635, apresenta-o como um “grande homem de guerra, assi no espírito como de invenções e traças para poder conseguir o que pretendia, fosse por quaesquer meios que pudesse” (*Década 13 da História da Índia*, ed. Rodrigo José de Lima Felner [2 vols., Lisboa, 1876], vol. 1, p. 34), enfim, uma espécie de Maquiavel iraniano. Frei Félix de Jesus, um cronista agostinho que estanciou demoradamente no Oriente, descreve-o como sendo “de pequena estatura, de alegre rosto, robusto nas forssas, fácil na comverssação [...], no comer sobejo, no beber demasiado” (Arnulf Hartmann, *The Augustinians in Golden Goa: A Manuscript by Félix of Jesus, O.S.A.* [Roma, 1968], p. 89).

Eventualmente, o poder safávida começou a estender-se para as margens do Golfo Pérsico, que até então haviam permanecido relativamente autónomas. Os portugueses, desde os primeiros anos do século XVI, haviam conseguido manter um apertado controlo sobre a ilha de Ormuz e sobre diversas das suas dependências. A partir da base ormuzina, as armadas lusitanas mantinham uma relativa hegemonia sobre a navegação que cruzava o Golfo Pérsico. Com a conquista de Bahrain em 1602, ‘Abbas decidira finalmente fazer face ao tradicional poderio lusitano nas regiões marítimas do seu império. Nas duas décadas seguintes, o xá persa desencadeou um lento mas progressivo assalto às posições portuguesas, que tinham o seu epicentro na ilha de Ormuz. Esse processo viria eventualmente a desembocar na conquista de Ormuz por uma coligação anglo-persa em 1622.³ Nota importante, a ascensão de Xá ‘Abbas coincidia com a chegada ao Oceano Índico de potências europeias rivais dos portugueses, nomeadamente os ingleses, que desde cedo procuraram estabelecer relações amistosas com a Pérsia.⁴

A fortaleza de Ormuz era uma das mais rentáveis do Estado da Índia, graças aos direitos cobrados na sua alfândega sobre o intensíssimo tráfico mercantil que cruzava as Portas do Estreito, estabelecendo ligações entre Baçorá, o Bandel de Comorão, Mascate, e muitos outros portos da costa oriental de África e do litoral ocidental da Índia. A *pérola do anel*, como metaforicamente era designada a estéril ilha de Ormuz, era um lugar estratégico de primeiríssima importância na densa teia de fortalezas, feitorias e rotas marítimas que configurava o *Estado Português da Índia*. Por isso mesmo, os monarcas espanhóis, que desde 1581 haviam assumido igualmente a coroa de Portugal, ao longo de várias décadas, tentaram de forma continuada estabelecer um diálogo diplomático com o xá ‘Abbas, através de uma regular troca de emissários e de embaixadores. Tratava-se de manter a todo o custo uma posição portuguesa sólida na área do Golfo Pérsico.⁵ Várias missões diplomáticas são entregues a religiosos portugueses, e nomeadamente ao agostinho Frei António de Gouveia, mas sem grandes resultados práticos, pois as tenazes safávidas iam-se paulatinamente apertando sobre Ormuz. O xá ‘Abbas, que gostava de discutir questões políticas na sua tenda de campanha ou nalgum dos seus palácios, comendo e bebendo,

³ Sobre a presença portuguesa em Ormuz, ver a mais recente bibliografia: Willem Floor, *The Persian Gulf: A Political and Economic History of Five Port Cities, 1500-1730* (Washington DC, 2006); Dejanirah Couto & Rui Manuel Loureiro, *Ormuz, 1507-1622: Conquista e Perda* (Lisboa, 2007); Dejanirah Couto & Rui Manuel Loureiro (eds.), *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period* (Wiesbaden, 2008); e Rudi Mathee & Jorge Flores (eds.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia* (Leuven, 2011).

⁴ Sobre as rivalidades inter-europeias na região do Golfo Pérsico, ver Niels Steensgaard, *The Asian Trade Revolution of the Seventeenth Century* (Chicago, 1974).

⁵ A história desde conturbado período foi recentemente estudada por Luis Gil, *El Imperio Luso-Español y la Persia Safávida* (2 vols., Madrid, 2006-2009); ver também Joan-Pau Rubiés, “A Dysfunctional Empire? The European Context to Don García de Silva y Figueroa’s Embassy to Shah Abbas”, *infra*, pp. 85-133.

solicitou a determinada altura das autoridades ibéricas o envio de um embaixador português civil, de estatuto social elevado. Depois de muitos debates entre Madrid e Lisboa, Don García de Silva y Figueroa foi finalmente escolhido para a missão à Pérsia em 1612.

Embora dois estudiosos espanhóis se tenham debruçado em anos mais recentes sobre a vida de Don García de Silva y Figueroa,⁶ não é muito o que se consegue apurar sobre este aristocrata espanhol. Nasceu em 1550, em Zafra, numa família da pequena nobreza, tendo estudado em Salamanca. Regressado à Península, desempenhou o cargo de corregedor em várias regiões espanholas, nomeadamente em Jaén e em Badajoz. O cronista português António Bocarro, na sua *Década 13 da História da Índia*, diz que Don García era homem de “bom juízo e subtil entendimento, visto e lido e muito versado na língua latina e italiana”.⁷ Alguns primos seus relativamente bem conhecidos desempenharam cargos no Oriente ibérico, como Don Juan de Silva, que foi governador das Filipinas, e Don Jerónimo da Silva, que foi capitão de Ternate. De resto, quase nada se consegue apurar sobre Don García, até ao momento em que as autoridades de Madrid, em 1612, o nomeiam para o cargo de embaixador à Pérsia.

Don García era um homem cultíssimo, com estudos feitos em Salamanca, como foi referido, e decerto com muitas leituras posteriores. Era fluente em latim e conhecia bem a literatura clássica. Como um viajante moderno, preparou minuciosamente a sua viagem à Pérsia, através da consulta de numerosíssimos trabalhos de história e de geografia, de que teria registado extractos em diversos cadernos manuscritos. Era, além disso, um diarista compulsivo, que ao longo do seu longo périplo oriental, para além de dezenas de cartas,⁸ escreveu um volumoso diário de viagem. Os *Comentarios* – nome por que ficou conhecido o seu manuscrito de cerca de um milhar de páginas – descrevem demoradamente a sua jornada desde Lisboa até à Pérsia, assim como a inacabada viagem de regresso à Europa. Sendo um homem cultivado e amigo das letras, sendo dotado de uma insaciável curiosidade e de um espírito inquiridor, e sendo além do mais um observador cuidadoso e metódico, Don García produziu uma obra merecedora de atenção a diversos títulos.

Através da leitura dos *Comentarios*, é possível deduzir que o embaixador era compelido à escrita por diversas razões, e nomeadamente para se entreter durante a longa viagem, ocupando as longuíssimas horas de ócio que uma viagem de Lisboa à Pérsia implicava; para registar tudo o que lhe parecia novidade, como homem culto, inte-

⁶ Ver Luis Gil (ed.), *García de Silva y Figueroa. Epistolário Diplomático* (Cáceres, 1989); e também Carlos Alonso, *La Embajada a Persia de D. García de Silva y Figueroa* (Badajoz, 1993). E, também, Luis Gil, “Biografía de don García de Silva y Figueroa”, *infra*, pp. 3-60.

⁷ António Bocarro, *Década 13 da História da Índia*, vol. I, p. 370.

⁸ Publicadas por Luis Gil (ed.), *Epistolário Diplomático*, pp. 179-248.

ressado na história natural e moral das regiões que ia cruzando; e também como forma de justificar as suas andanças, apresentando uma espécie de relatório de missão. De qualquer forma, os resultados da embaixada não foram brilhantes, pois ela desenvolveu-se num ambiente duplamente hostil: enquanto espanhol, o embaixador não encontrou um acolhimento amigável da parte das autoridades portuguesas em Goa; e a sua postura de altivo aristocrata espanhol não parece ter sido apreciada nem na corte safávida, então em processo de ruptura com os *farangis* portugueses, nem junto das comunidades de missionários europeus estabelecidas na Pérsia. O embaixador, sem obter quaisquer resultados significativos, viria a falecer em 1624, na viagem de regresso a Portugal.

O título dos *Comentarios* lembra a obra homónima de Júlio César. Mas não é impossível que Don García se tivesse inspirado também nos *Comentarios de Afonso de Albuquerque* da autoria de Afonso Brás de Albuquerque, primeiro impressos em Lisboa em 1557, com uma segunda e alargada edição em 1576, obra que, de resto, conhecia bem. Tal como a da conhecida figura romana, também a obra de Silva y Figueroa é maioritariamente escrita na terceira pessoa. Mas o único manuscrito completo que hoje se conhece é certamente autógrafo. Trata-se de um longuíssimo relato de viagens, que se inicia em Lisboa, em princípios de Abril de 1614 e que termina algures no Atlântico, dez anos mais tarde, depois de um longo itinerário, real e textual, que leva o autor primeiro até Goa, depois até Mascate e a Ormuz, daí através da Pérsia safávida, com posterior regresso a Goa, e com novo embarque rumo a Portugal. Don García morreria na viagem de regresso, de uma doença a que então se dava o nome de *mal de Luanda*. Ironicamente, durante a viagem de ida para a Índia o diplomata espanhol tinha descrito esta mesma doença que amiúde atacava os viajantes marítimos, e que costuma ser identificada com o escorbuto.

Os *Comentarios* têm uma história editorial relativamente invulgar. O manuscrito autógrafo, datado de 1624, encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional de Madrid, onde aliás se conserva também um outro manuscrito seiscentista, mas bastante incompleto. Em 1668, Abraham de Wicquefort, conhecido especialista em questões diplomáticas, publicou em Paris uma tradução da obra, *L'ambassade de D. Garcias de Silva y Figueroa en Perse*.⁹ Esta versão, contudo, para além de conter inúmeros lapsos, não incluía as primeiras secções da obra de Silva y Figueroa, que são dedicadas à longa viagem marítima para a Índia e à estada do embaixador em Goa. Wicquefort, obviamente, interessou-se sobretudo pela componente diplomática da obra, desprezando assuntos indirectamente ligados com a missão atribuída ao embaixador espanhol; ou, alternativamente, não teve acesso à descrição da viagem pela rota do

⁹ D. Garcia de Silva y Figueroa, *L'ambassade de D. Garcias de Silva Figueroa en Perse*, trad. Abraham de Wicquefort (Paris, 1667). Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k95919x.r=figueroa.langPT>>. Sobre o tradutor dos *Comentarios*, ver Maurice Keens-Soper, *Abraham de Wicquefort and Diplomatic Theory* (Leicester, 1996).

Cabo, que, pela minúcia das informações nela contidas, seria considerada de natureza sigilosa em Espanha. Poucos anos antes, aliás, Wicquefort tinha já traduzido para francês outro relato de natureza semelhante, produzido por Thomas Herbert, viajante inglês que peregrinou longamente pelas mesmas regiões iranianas.¹⁰ De resto, apenas uma limitada parte da obra de Don Garcia, referente à “Vida del Gran Tamorlan”, conheceu alguma divulgação, pois foi publicada em Sevilha em 1782, como apêndice a uma edição do relato medieval *Historia del Gran Tamorlan* de Ruy González de Clavijo, da responsabilidade de Eugénio Llaguno.¹¹

A primeira e única edição integral dos *Comentarios* foi publicada em Madrid em 1903-1905, numa edição diplomática razoavelmente fiel, realizada a partir do manuscrito madrileno completo pelo conhecido polígrafo e editor de textos Manuel Serrano y Sanz.¹² A obra em dois tomos, que foi publicada com o título *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del rey de España don Filipe III hizo al rey Xa Abas de Pérsia*, para além de uma breve introdução, não continha quaisquer anotações (com excepção de indicações sobre características do manuscrito). Tratava-se de uma edição reservada, que conheceu escassíssima circulação, publicada pela Sociedad de Bibliófilos Españoles.¹³ A obra de Don García de Silva y Figueroa não voltou a ser editada desde então. Entretanto, os *Comentarios* têm sido sistematicamente ignorados pela historiografia portuguesa, apesar de constituírem uma fonte de primeiríssima ordem para a história do *Estado Português da Índia* no período da União Ibérica. Caíram naquela espécie de limbo onde se encontram muitos dos documentos avulsos e das fontes narrativas respeitantes a este período histórico. Um texto em castelhano, escrito por um autor espanhol, não interessa a investigadores portugueses; um texto sobre o mundo do *Estado da Índia*, não interessa a historiadores espanhóis.

Uma breve síntese do conteúdo dos *Comentarios* revelará a respectiva importância:

- o Livro I, com cerca de 80 fólios, relata de forma extremamente minuciosa as peripécias da longa viagem marítima entre Lisboa e Goa;¹⁴
- o Livro II apresenta, ao longo de 65 fólios, uma detalhada descrição do território de Goa e dos seus habitantes, com base numa residência de mais

¹⁰ Thomas Herbert, *Relation du voyage de Perse et des Indes Orientales*, trad. Abraham de Wicquefort (Paris, 1663). Existe uma edição inglesa recente: Thomas Herbert, *Travels in Persia*, ed. William Foster (Londres, 2004).

¹¹ *Historia del Gran Tamorlan e Itinerario y Enarracion del Viaje, y Relacion de la Embajada que Ruy Gonzalez de Clavijo le hizo*, ed. Eugenio Llaguno (Madrid, 1782), pp. 221-248.

¹² Ver breve biografia e listagem da respectiva bibliografia em José Esteban, “El erudito alcarreño don Manuel Serrano y Sanz (1866-1932)”, *Añil*, 18 (1999), pp. 59-63.

¹³ Existe um exemplar desta edição na biblioteca do Gabinete de Estudos Olisiponenses (informação de José Manuel García).

¹⁴ Ver José Manuel Malhão Pereira, “Aspectos náuticos das viagens por mar de D. García de Silva y Figueroa entre 1614 e 1624”, *infra*, pp. 183-205.

esta constaria de quatro volumes distintos: dois volumes contendo o texto de Don García da Silva y Figueroa; um terceiro volume englobando diversos instrumentos de trabalho, a saber, anotações, comentários, glossários, bibliografias e índices remissivos; e um quarto volume reunindo estudos sobre o embaixador, sobre a sua obra e sobre o contexto da embaixada à Pérsia. Com vista à preparação dos estudos a incluir no quarto volume, projectou-se desde logo a organização de um segundo *workshop*, que veio a ter lugar em Setembro de 2009, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.²⁰ Esta reunião científica foi cuidadosamente preparada, pois a equipa responsável pelo projecto de edição crítica dos *Comentarios* definiu metas específicas, propondo a cada participante um tema concreto para explorar e expor. Pretendeu-se, assim, cobrir de forma sistemática os vários temas considerados essenciais para um melhor estudo e conhecimento de tão importante relato de viagens. Todos os participantes convidados, sem excepção, aceitaram as propostas da equipa de investigação, que incluíam temas como “a vida a bordo na *carreira da Índia*”, “Goa em inícios do século XVII”, “Ormuz e Mascate nos inícios do século XVII”, “as cidades persas nos *Comentarios*”, “as fontes clássicas de Don García”, “A corte do xá ‘Abbas’”, etc.²¹

O conjunto de estudos reunidos no presente volume resulta, de forma genérica, de comunicações apresentadas a este segundo *workshop*, com duas ou três excepções, já que algumas comunicações apresentadas, por motivos diversos, não deram origem a nenhum estudo. Entretanto, foi considerado pertinente incluir na colectânea, de forma a enriquecê-la, não só dois textos expressamente preparados por Caroline Mawer e por Zoltán Biedermann, mas também dois documentos respeitantes ao embaixador e à sua missão, editados respectivamente por Luis Gil e por Joan-Pau Rubiés.²²

²⁰ Um agradecimento muito especial é devido à Fundação Calouste Gulbenkian, pela forma calorosa com que acolheu nas suas instalações de Lisboa este segundo *workshop*.

²¹ Para além de membros da equipa de investigação, a reunião contou com a participação de Luís Gil (Universidade Complutense, Madrid), Joan-Pau Rubiés (London School of Economics), Jean-Louis Bacqué-Graammont (CNRS, Paris), José Manuel Malhão Pereira (Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologias), Cristina Brito (CHAM), Ângela Barreto Xavier (Instituto de Ciência Sociais, Lisboa), Dejanirah Couto (École Pratique des Hautes Études, Paris), Willem Floor (investigador independente), Elio Brancaforte (Tulane University, New Orleans), Reza Naderpoor (École Nationale Supérieure d'Architecture, Paris Val de Seine), Vida Gholipour (École Nationale Supérieure d'Architecture, Nancy), Francisco Caramelo (CHAM), Maria João Ferreira (CHAM) e Juan Gil (Universidad de Sevilla). Cf. Rui Manuel Loureiro, “Relações de Portugal com a Pérsia durante a União Ibérica. Os «Comentarios» de D. García de Silva y Figueroa”, *Anais de História de Além-Mar*, vol. X (2010), pp. 471-474.

²² Todos os autores dos estudos incluídos no presente volume citam a obra de D. García de Silva y Figueroa, umas vezes recorrendo à edição de Manuel Serrano y Sanz (Madrid, 1903-1905), outras vezes à tradução francesa de Abraham de Wicquefort (Paris, 1668). Por razões técnicas, não foi possível utilizar a nova edição dos *Comentarios* nas citações; contudo, os volumes da nova edição incluem tabelas remissivas, que permitirão localizar as diferentes secções da obra do embaixador espanhol nas diversas versões existentes.

A colectânea que agora se apresenta – e que pretende servir de volume de enquadramento relativamente à edição crítica dos *Comentarios* de Don García – foi organizada em diversas linhas complementares. Em primeiro lugar, pareceu fundamental apresentar um esboço biográfico de Silva y Figueroa, que ficou a cargo de Luís Gil, investigador que em anos recentes se tem dedicado ao estudo da vida e obra do embaixador. De seguida, surge um longo estudo contextualizante, da autoria de Joan-Pau Rubiés. Pareceu relevante, depois, incluir diversos estudos sobre o itinerário geográfico concreto seguido por Don García: José Manuel Garcia debruça-se sobre a estada do embaixador espanhol em Lisboa; os dados fornecidos nos *Comentarios* sobre a carreira da Índia são analisados, do ponto de vista náutico, por José Manuel Malhão Pereira; Ângela Barreto Xavier aborda a longa residência de Silva y Figueroa em Goa; e o itinerário persa do diplomata espanhol é analisado, com base em larga experiência do terreno, por Caroline Mawer. Concluída a análise do percurso específico de Don García, uma quarta secção é dedicada ao contexto persa da embaixada, com textos a cargo de diversos especialistas: Willem Floor debruça-se sobre o funcionamento da corte de Xá ‘Abbas; Vasco Resende enquadra a viagem de Silva y Figueroa no conjunto dos viajantes portugueses que na mesma época percorreram os caminhos da Pérsia; Elio Brancaforte confronta os *Comentarios* com o relato coetâneo do viajante italiano Pietro della Valle; Francisco Caramelo investiga os traços da Antiguidade que surgem no relato de viagens do embaixador, relato esse que descreve, e pela primeira vez na literatura europeia moderna de forma tão circunstanciada, as ruínas de Persépolis; enfim, Maria João Ferreira analisa com detalhe os variados aspectos do negócio da seda persa, que de certa forma foi um dos motivos da embaixada de Silva y Figueroa. O mundo intelectual de Don García, entretanto, é abordado por Juan Gil, que investiga as relações do diplomata espanhol com um conhecido intelectual português da época, D. Vicente Nogueira, e por Zoltán Biedermann, que indaga as relações de Silva y Figueroa com a cartografia do seu tempo. Muitos outros temas ficam por abordar, evidentemente. Mas ficam desde já lançadas as bases essenciais para o conhecimento de uma tão importante fonte.²³

Através deste projecto de edição, pretende o CHAM dar plena visibilidade a uma fonte narrativa seiscentista de primeira grandeza, cujo valor documental relativamente à carreira da Índia, ao *Estado Português da Índia*, ao Golfo Pérsico, à Pérsia e a vastas regiões da Ásia Central parece ser inversamente proporcional à diminuta divulgação de que até à data foi alvo. No caso da historiografia portuguesa, um único exemplo bastará para transmitir uma ideia clara do quase total desconhecimento

²³ Deverá referir-se que o trabalho editorial, no caso desta colectânea de estudos, se limitou à proposta de temas a tratar, à definição de normas de citação bibliográfica nas notas de rodapé, e à revisão final dos diversos textos. Os autores dos estudos, para além de poderem optar entre diversas línguas de trabalho, escolheram igualmente formas de citação de nomes de pessoas, de títulos e de topónimos, de entre os disponíveis nas respectivas línguas de trabalho, assim como os sistemas de transcrição de palavras orientais.

da obra de Don García de Silva y Figueroa: O piloto da nau que transportou o embaixador de Lisboa a Goa, em 1614, era Gaspar Ferreira Reimão; ora, nenhum dos numerosos estudiosos que se ocuparam da biografia deste celeberrimo piloto português referiu até à data as informações contidas nos *Comentarios*.²⁴

* * * * *

Entretanto, aqui ficam registados os mais efusivos agradecimentos da equipa de investigação a todos os especialistas que, através dos textos incluídos nesta colectânea ou através de comunicações orais apresentadas nos dois workshops, aceitaram colaborar de forma activa, e sempre entusiástica, no “Projecto Figueroa”. Uma palavra especial de agradecimento para Consuelo Varela, Dejanirah Couto, Juan Gil e Luis Gil, sempre disponíveis para debaterem questões relacionadas com o projecto. Sinceros agradecimentos são igualmente extensíveis à direcção do CHAM, pela confiança manifestada na equipa e pela criação de ideais condições de trabalho, e ao grupo de colaboradoras permanentes do CHAM, pela disponibilidade, pela eficiência e pela permanente simpatia.

²⁴ Ver bibliografia pertinente em Ernesto Jana, “Reimão, Gaspar Ferreira”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque & Francisco Contento Domingues (2 vols. Lisboa, 1994), vol. 2, pp. 938-940.

Lista de Figuras

- 1 Vista de Lisboa em 1619, gravura de Hans Schorken, segundo desenho de Domingos Vieira Serrão, in João Baptista Lavanha, *Viage de la Catholica (...) D. Filipe III* (Madrid, 1622), Museu da Cidade de Lisboa, GRA 1404.
- 2 «N. S. de Porto Seguro roga a seu presioso filho por esta cidade e sua navegação» (c. 1620), pintura de Domingos Vieira Serrão & Simão Rodrigues, Igreja de S. Luís dos Franceses, Lisboa.
- 3 Vista da Ribeira das Naus e do Palácio Corte Real, gravura de van Merle (c. 1667), Museu da Cidade de Lisboa, GRA 871619.
- 4 Torreão do Paço da Ribeira e Palácio Corte Real, gravura de Pieter van den Berge (c. 1700), Museu da Cidade de Lisboa, GRA 870.
- 5 Derrota da carreira da Índia na viagem de ida, segundo recomendação dos roteiros (condições médias para Agosto), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 6 Ventos médios em Janeiro, com derrotas possíveis de regresso, carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 7 Derrota atlântica da nau *Nossa Senhora da Luz*, em viagem para a Índia (1614), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 8 Derrota no Índico das naus *Nossa Senhora da Luz*, *São Boaventura* e *São Filipe*, em viagem para a Índia (Agosto – Outubro 1614), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 9 Conjectura da navegação da nau *Nossa Senhora da Luz*, nas proximidades das ilhas de Mamale (Outubro 1614), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 10 Derrota da viagem de Goa a Ormuz (1617), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 11 Toponímia da costa da Arábia, carta de José Manuel Malhão Pereira, sobre uma carta de João Teixeira (1643).
- 12 Derrota no Índico da caravela *Nossa Senhora da Nazaré*, em viagem de Moçambique para Goa (Dezembro 1621 – Janeiro 1622), e da nau São Tomé, em viagem de Goa para o Cabo (Fevereiro – Abril 1624), carta de José Manuel Malhão Pereira.
- 13 Eclipse da Lua observado pelo Pe. Cristóvão Bruno a bordo da nau *São Tomé* (3 Abril 1624), a SE da costa do Natal, José Manuel Malhão Pereira.
- 14 «Curiosidade», in Cesare Ripa, *Iconologia* (Milão, 1986 [1603]).
- 15 «Melancolia», in Cesare Ripa, *Iconologia* (Milão, 1986 [1603]).
- 16 Vista de Goa, D. João de Castro (1540), in José Manuel Garcia, *Cidades e Fortalezas do Estado da Índia, Séculos XVI e XVII* (Lisboa, 2009).
- 17 Planta de Goa, Pedro Barreto Resende (c.1635), in José Manuel Garcia, *Cidades e Fortalezas do Estado da Índia, Séculos XVI e XVII* (Lisboa, 2009).